Ensaio sobre regulação da participação em comunidades de software livre: abordagem do caso Debian-RS

Rodrigo Freese Gonzatto
rodrigo@gonzatto.com

Resumo: *A partir do conceito de regulação no circuito cultural de Stuart Hall apontamos mecanismos e práticas de regulação na participação na comunidade de software livre Debian-RS. Para tal, utilizamos como referência o estudo realizado por Guilherme Carvalho da Rosa com a Debian-RS de forma a complementar sua análise da comunidade e posicionar, dentro do campo da regulação, questionamentos sobre recepção e consumo a partir de conceitos dos Estudos Culturais Latino-Americanos de Néstor Canclini e Martin-Barbero.*

Área do conhecimento*: Software Livre*

Palavras-chave: *Estudos Culturais, Regulação Cultural, Participação, Debian*

Introdução

Na introdução da obra “Ofício de Cartógrafo”, Martín-Barbero relata o momento em que, em um cinema mexicano, se pergunta: qual a relação do filme que ele via - sem comoção, com o filme que os nativos presentes também viam - e se emocionavam?

Da mesma forma, podemos nos perguntar o que uma comunidade de software livre vê, tão apaixonadamente, no seu trabalho de desenvolvimento, que outros não veem: porque se engajam no software livre como uma ideologia de vida, enquanto outros passam indiferentes se o que utilizam é livre, proprietário ou pirata, sequer percebendo a existência do trabalho de uma comunidade internacional para que um software livre esteja disponível? De outro lado, porque comunidades que desenvolvem software livre, por vezes, são “invisíveis” para quem usa estes?

Buscando compreender que sistemas culturais facilitam ou impedem o engajamento de diferentes participantes em comunidades de desenvolvimento de software livre, o foco para discutir este tema neste ensaio é o da regulação da participação em comunidades de software livre, sob a perspectiva do circuito cultural de Stuart Hall e abordagens dos Estudos Culturais Latino-Americanos, como da recepção ativa de Martin-Barbero e do consumo e da relação entre local e global por Gárcia Canclini.

Como referência de comunidade utilizamos a dissertação de mestrado de Guilherme Carvalha da Rosa (2008), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, que analisa a dinâmica de comunicação e construção das identidades culturais em comunidades de usuários e desenvolvedores de software livre, a partir do estudo de caso o Debian-RS - Grupo de Usuários Debian do Rio Grande do Sul.

1. Software Livre e Regulação

Software Livre, conforme definição da Free Software Foundation (2010), é o software que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem restrição. A forma usual de distribuição livre de um software é sendo acompanhado por uma licença de software livre junto com a disponibilização do seu código-fonte. As licenças do software livre são classificadas como permissivas pois garantem sua cópia, alteração e distribuição. Se um desenvolvedor de software, por exemplo, tiver uma lincença que o permita revogar a licença do software, o software não pode ser considerado livre.

Esta abordagem pode ser associada com a noção de modelo de produção "*commons based peer production*" identificado por Yochai Benkler (2002) como um modelo que possui uma colaboração descentralizad, entre indivíduos associados mais informalmente movidos por diferentes motivações e que permite que grupos maiores de indivíduos tenham acesso a conjuntos maiores de informação e onde os participantes tendem a participar formal e substantivamente de uma comunidade igualitária.

O software livre, enquanto movimento, costuma estar associado com as noções de livre acesso e conhecimento, inclusão digital e fomentação da cultura da colaboração. Entretanto, assim como interfere e está na cultura, o software livre também está sujeito a circulação e à regulação cultural. A regulação é um dos elementos do circuito da cultura (FIGURA 1), modelo apresentado por Stuart Hall (1997b) onde se busca entender a forma como uma importante esfera da cultura é governada. Junto com representação, identidade, consumo e

produção, a regulação é um dos principais processos culturais, que possui suas condições próprias de existência, mas que está necessariamente articulado com os demais.

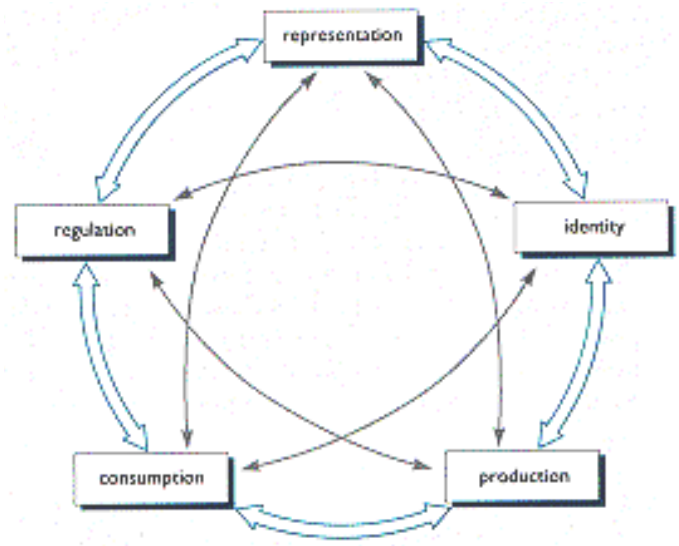

FIGURA 1. "O circuito da cultura"

No artigo "A centralidade da Cultura", Stuart Hall (1997) identifica três tipos de regulação através da cultura: a (1) **normativa**, que guia a ação humana por um conjunto de normas, conhecimentos e convenções existentes na cultura, ou seja, trata de como determinadas coisas são normalmente feitas, colocando o "*know-how*" cultural como indiscutível. O segundo tipo classifica nossas ações e compara condutas e práticas humanas de acordo com os (2) **padrões culturais vigentes**; definindo os limites entre semelhança e diferença, entre sagrado e profano, o que é "aceitável" ou "inaceitável" em relação a comportamento, roupas, hábitos, costumes e práticas. A terceira forma de regulação atua na (3) **constituição de subjetividades e identidades**. Neste tipo de regulação, ao invés de constranger as condutas, busca-se levar subjetivamente as pessoas a regularem-se a si mesmas.

Estas categorias serão apontadas nas sessões a seguir, nos momentos em que cada tipo de regulação é identificada dentro da descrição do estudo de caso da comunidade Debian-RS.

2. Projeto Debian

A comunidade de software livre Debian-RS foi estudo de caso de Guilherme da Rosa (2008) em sua dissertação de mestrado, que foi analisada a dinâmica de comunicação e construção das identidades culturais nesta comunidade[1].

A comunidade Debian-RS é integrante de uma organização mundial de grupos de usuários e desenvolvedores do sistema operacional Debian, chamada Projeto Debian. Está inserida na comunidade do software livre que se caracteriza pela prática do desenvolvimento colaborativo na produção de um sistema operacional e programas (softwares) para

[1] Entendemos aqui, como comunidade do software livre, o grupo de indivíduos que participam da dinâmica do desenvolvimento colaborativo de softwares sob uma licença livre[1].

computador com licenças de uso livre. A comunidade atua por meio de websites, salas de bate-papo e, principalmente, de uma lista de discussão e de eventos e encontros presenciais, desenvolvendo sua dinâmica paralelamente tanto *online* quanto no *offline*, sendo estes dois momentos que possuem uma relação de interdependência nas dinâmicas do grupo.

A partir deste estudo sobre a comunidade Debian-RS realizo por Rosa, encontramos passagens que permitem perceber como se permite ou se limita a participação dentro da comunidade, ou seja, a regulação da participação na comunidade.

2.1 Regulações no Projeto Debian

Participar no Projeto Debian envolve uma concepção específica do fazer software livre, postura expressa - principalmente - a partir de dois documentos: o Contrato Social Debian e a Definição Debian de Software Livre (DFSG). Para participar do Projeto é necessário aceitar estas diretrizes, uma regulação normativa que assume visar a garantia de que o desenvolvimento de software sempre permaneça livre, mantendo a produção de "um sistema integrado, com materiais de alta qualidade, e sem restrições legais que possam impedir tais usos do mesmo" (ROSA, 2008). Esta exigência também pode ser associada a posição radical e "purista" do Projeto Debian, que busca o ideal de garantia da máxima liberdade do software livre.

A comunidade o Debian-RS procura orientar suas ações e seu posicionamento a partir destas diretrizes, tidas como uma espécie de orientação-padrão dos grupos do Projeto Debian. Existe uma estrutura de classificação na participação dos processos de trabalho do Projeto Debian, estipuladas por uma série de regulamentos, onde os participantes se dividem entre:

- **Desenvolvedores**, aqueles que desenvolvem os softwares livres e que, por assumirem um compromisso maior, tem também responsabilidades de decisão;
- **Usuários**, que participam de organização de eventos a esclarecimento de dúvidas, em diversos níveis de engajamento, que levam a classificação dos usuários em:
    - **Usuário colaborador**, aquele que participa apenas dos momentos de interação do grupo;
    - **Usuário efetivo**, que inclui tanto os desenvolvedores quanto aqueles que assumem responsabilidades perante o grupo.

Usuários podem se tornar desenvolvedores a partir de um processo formal de trabalho e avaliação estipulado pelo Projeto Debian, que possui uma coordenação geral, composta pelo líder chamado de Debian Project Leader e um comitê técnico.

Nota-se que a separação entre desenvolvedor e usuários e os níveis de engajamento propõe uma atividade maior por parte dos primeirosm que decresce nos segundos. Apesar desta classificação não ser considerada hieráquica, nas uma questão de mérito por engajamento na comunidade, é interessante como a concepção de usuários dentro do Projeto Debian não representa necessariamente uma atuação passiva. Esta, nos moldes da crítica de Alex Primo (2008, p.12) ao termo "usuário", costuma ser uma importação do jargão da indústria informática, que busca reduzir a interação ao consumo passivo. A abordagem

que vê o usuário em uma condição de passividade também é criticada por Martin-Barbero (2004), que propõe que o uso, enquanto recepção, não seja tomado como uma etapa do processo de comunicação, visto que a separação de etapas entre emissor-mensagem-receptor impede ver a bidirecionalidade do processo comunicativo, bem como seu entrelaçamento com o contexto social em que se insere. A noção de usuário dentro das categorias do Projeto Debian se afasta destas concepções, se aproximando mais da visão de recepção ativa de Martin-Barbero.

2.2 Regulações entre o Projeto Debian e a comunidade Debian-RS

Como observa Rosa (2008, p.50), as identidades culturais têm a função de permitir que os grupos tenham variação de seus repertórios culturais. Elas auxiliam a relacionar e suturar as interculturalidades proporcionadas pelos fluxos globais. Sob sua responsabilidade estão tanto o pertencimento local como a fluidez do global:

> *Mas o que tratamos de ver atualmente, dado que as condições de produção, circulação e consumo da cultura não ocorrem numa só sociedade, é como se reelabora interculturalmente o sentido. Não só dentro de uma etnia nem sequer dentro de uma nação, mas em circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de repertórios culturais diferentes (CANCLINI, 2006 p. 43).*

O trânsito entre global e local pode ser identificado na comunidade Debian-RS em diversos momentos, como no *Debian Day*, evento do Debian organizado simultaneamente por grupos de usuários em todo mundo, mas que prescinde dos locais dos grupos para acontecer. Neste tipo de evento percebe-se tanto a formação de uma comunidade global imaginada de Debian pelos usuários da Debian-RS quanto uma comunidade imaginada de Debian-RS pelo Brasil e pelo mundo. Ambas as situações são percebidas e consideradas aceitáveis e comuns pelos seus usuários.

Entretanto, mesmo em uma relação de subordinação com o Projeto Debian, Guilherme Rosa percebe que o Debian-RS também procurar estabelecer suas “fronteiras simbólicas” em alguns momentos, pois “opera a partir de uma lógica global, de subordinação e ligação direta com outros grupos de usuários ao redor do globo, mas precisa referenciar suas ações a partir de um nível local.” (ROSA, 2008, p.128). Esta situação explícita na valoração em se fazer parte do Debian-RS e não de outra comunidade de Debian do Brasil, tendo como diferencial a demonstração da força de colaboração que possuem na comunidade.

Tal situação pressupõe que fazer parte da comunidade Debian-RS exige, além da participação segundo padrões culturais vigentes, na constituição de subjetividades e identidades próprias.

3. Regulação e identidade da comunidade Debian-RS

Os principais elementos identificados como base da identidade da comunidade Debian-RG, que regulam o que é fazer software livre e participar desta comunidade, são: a identidade hacker, o discurso de oposição ao software proprietário e o software livre como cosmovisão.

Os usuários do Debian-RS demonstram adesão aos discursos que controem a constituição simbólica do que significa ser hacker, comum em textos sobre o software livre. A identidade de hacker, para estes usuários, é associada com a de ser alguém que desenvolve a programação como um fazer poético, ligado ao conhecimento sensorial e artístico

O Software Livre toma esta perspectiva, pois mais do que representar uma demanda de produção de softwares, evidencia a vontade de produção de sentido frente a indústria de softwares. Esta situação é evidenciada por Martín-Barbero (1997) ao afirmar que o mercado não é capaz de suprir as demandas de identificação dos indivíduos, já que possui uma tendência estrutural a obsolescência acelerada e generalizada de coisas, formas e instituições. Visto que o mercado opera anonimamente, mediante lógicas de valor que supõem intercâmbios meramente formais, não pode criar vínculos entre sujeitos, posto que estes são constituídos em processos de comunicação de sentido.

Da mesma forma, o software livre também aparece na comunidade como um discurso de oposição ao software proprietário, em especial aqueles de código fechado e que possuem seus direitos de autores protegidos pela lei do direito autoral - que visa que estes sejam comercializados por aqueles que o registraram e garantindo que não seja distribuído de forma a não representar benefício aqueles que possuem direito.

A regulação da participação no Software Proprietário utiliza-se de aspectos legais que limitam a utilização e impedem a ampla participação no desenvolvimento, direcionando a participação dos usuários para situações controladas como: *feedbacks* de identificação de erros e envio de propostas na particiapção de concursos. Por tornarem o código inacessível e se oporem às práticas do desenvolvimento colaborativo, impedem a participação de usuários que não fazem parte da empresa ou organização que está desenvolvendo (como no caso onde desenvolvedores de software proprietário devem assinar termos de responsabilidade e sigilo perante os códigos que irão desenvolver). Comunidades de software livre como a Debian-RS buscam outro tipo de prática, em oposição a lógica do software proprietário. Um dos usuários, André Felipe Machado, comenta sobre a necessidade de compreensão de que a dinâmica do Debian é centrada nas pessoas e de que a lógica de funcionamento da organização é não-empresarial e por isso, ao contrário do software proprietário, não busca a compensação no dinheiro.

Desta maneira, o software livre rompe com uma regulação normativa incentivada pelo Software Proprietário, a que busca relacionar que a melhor utilização de software está ligada a compra de direito de uso de um software. Este movimento pode ser visto no discurso de empresas como a Microsoft, que atacam o software livre ao questionar sua confiança[2].

Existem diversos tipos de pressões que levam participantes da comunidade Debian-RS a utilizarem softwares proprietários, como no trabalho e na faculdade. Mesmo assim, o discurso de não-utilização deste tipo de software é levado também para a consciência de pirataria como uma prática desaconselhável, não necessariamente por seus aspectos legais, mas por esta ser entendida como uma estratégia empresarial como forma de

---

[2] Exemplos são encontrados na argumentação de algumas páginas da Microsoft, como no artigo “O Windows é muito melhor que Software livre” da TechNet, site deste empresa com recursos para profissionais de TI (disponível em: http://technet.microsoft.com/pt-br/library/cc716412.aspx) e na sessão "Obtenha os factos" (disponível em: http://www.microsoft.com/portugal/obtenhafactos/default.mspx) da versão portuguesa do site da Microsoft, ou ainda nos processo de 2007 da Microsoft contra o Linux (disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL36885-6174,00-MICROSOFT+SOFTWARE+LIVRE+VIOLA+PATENTES.html).

desenvolver uma massa crítica para os seus softwares. Segundo o usuário Fabrício Solagnao, a difusão da pirataria empresarial é uma estratégia que visa atingir o usuário "comum", não-técnico, para que ele não reflita sobre o que ele está fazendo.

Neste sentido, é importante lembrar a importância do consumo enquanto escolha e participação, onde a escolha por software livre se caracteriza também por uma escolha política e de disputa, conforme demostra Gárcia Canclini:

> *"O consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas (...) Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo." (GARCÍA CANCLINI, 2005, págs. 61-62)*

Para a comunidade, o software livre não é apenas uma atividade de programação, mas coloca-se como cosmovisão: uma ideologia que aponta para uma visão de mundo que vai além do desenvolvimento tecnológico em si, e de onde surge o interesse na comunidade em dialogar com outras áreas além da tecnologia. Exemplos neste sentido são encontrados nas discussões sobre gênero em congressos, iniciativas de neutralidade de emissão de carbono, projetos de inclusão digital e o caráter social tomado pelos eventos, como a destinação de parte da renda das inscrições à compra de sementes livres (não-transgênicas). De acordo com Rosa, a Debian-RS compromete-se "com uma visão de software livre como algo conectado com a humanidade, uma certa visão holística do desenvolvimento em posicioná-lo como um bem para todos" (ROSA, 2008, p.104), chegando até à dimensão altruísta do software livre como uma espécie de dádiva a partir da realização de uma utopia tecnológica.

De acordo com a terceira categoria de regulação de Start Hall, percebemos que a participação na comunidade também envolve a constituição de subjetividades e identidades que demarquem a participação não apenas de acordo com o Projeto Debian, mas com as práticas e visões características da comunidade Debian-RS. O grupo possui mecanismos de entrada para a participação de novos membros: a primeira condição é ser usuário de sistema operacional Debian GNU/Linux, seguido da inscrição junto à lista de discussão, considerado o principal ritual de entrada na comunidade. O Debian também busca se diferenciar das demais comunidades do software livre pela retirada de barreiras de entrada na comunidade, por meio da abertura a participação de qualquer usuário. Este fator é comentado como ponto positivo, pelos usuários, afirmando que qualquer um pode entrar como usuário e, posteriormente, crescer na comunidade e se tornar um desenvolvedor.

> *A abertura do grupo e a criação de dinâmicas de funcionamento que possam envolver a partir de um processo de aprendizado acontecem a partir da própria experiência dos usuários no caminho para tornarem-se desenvolvedores. As estruturas criadas para envolver os usuários no projeto servem como uma marcação simbólica do Debian para outros grupos que adotam dinâmicas diferenciadas de trabalho. (ROSA, 2008, p.114)*

Quanto ao incentivo à participação dos novatos na comunidade, existem estruturas para o esclarecimento de dúvidas para iniciantes, mas existem modos de como isso deve ser feito: usuários que pedem esclarecimento de suas dúvidas em locais que não são direcionados para este fim não são respondidos, assim como perguntas simples, quando os usuários que podem responder entendem que as respostas poderiam ser encontradas facilmente por meio de mecanismos de busca como o Google.

3.1 Outras propostas de colaboração e participação

O desenvolvimento de software é a principal atividade dentro da comunidade, mas usuários do Debian-RS também atuam em áreas como a tradução de textos, desenvolvimento de documentação, assessoria de imprensa e suporte aos usuários.

Apesar do grupo ser definido como "eclético" por alguns usuários, visto que existem usuários do Debian-RS com formações em ciências sociais e humanas como psicologia, direito, medicina, antropologia, sociologia e comunicação social, Guilherme da Rosa observa a necessidade de discutir a maneira com que a comunidade do software livre observa a colaboração com o grupo, e a necessidade de adquirir novas competências para colaboração:

> *Historicamente os grupos construíram suas lógicas de trabalho a partir da atividade de programação de código, produção de documentação e tradução para o desenvolvimento dos softwares e sistemas. As dinâmicas de funcionamento e de meritocracia empreendidas estão categoricamente classificadas por esta forma, um exemplo é a dinâmica de um usuário que se torna um desenvolvedor. (ROSA, 2008, p.121)*

Outro tema de atenção é o de novas formas de contribuição, como a que pode ser realizada por outros usuários que tragam contribuições para o pensamento do desenvolvimento colaborativo, como advogados, comunicadores e artistas. Esta perspectiva demostra a presença de diferentes tipos de usuários atuando no grupo, mas também uma vontade de abrir espaço para que outros possam participar.

Segundo o usuário Fabrício Solagna, é necessário discutir o modelo de colaboração tradicionalmente compreendido pelo Debian-RS. A forma tradicional de participação na comunidade é por códigos ou com traduções, mas ele acredita que

> *"a gente tem que começar como comunidade a se articular com outras esferas pra potencializar outras ações. (...) Gentes solidárias a isso e que vão ser contribuintes nesse sentido. A gente tem que tá convencendo, gente disposta a atuar nos espaços públicos, nas secretarias, nos movimentos sociais, para difundir e para consolidar a ideologia do software livre." (ROSA, 1998, p.121)*

Este usuário percebe a necessidade de potencializar as dinâmicas a partir do estabelecimento de relações e articulações que não são exploradas pelos usuários. Para Rosa, a identidade do usuário é problematizada em momentos como este, onde o conflito acontece em decorrência da negociação de identidade frente criação de novas demandas.

Considerações finais

Percebe-se que a manutenção da relação da Debian-RG com as normas do Projeto Debian são respeitadas por manterem a coesão da comunidade local com o movimento global, além de serem mantenedoras da liberdade do software, apreciada pela comunidade como ideologia. Da mesma forma, as questões relativas a dinâmica identidade da comunidade são valorizadas pela Debian-RG, mesmo que propondo uma participação que direciona o acesso para determinados participantes, geralmente ligados ao desenvolvimento.

A abertura que alguns membros da comunidade colocam como necessidade, da entrada na comunidade de usuários de outras áreas, que não somente a de desenvolvimento e tradução, é vista como favorável para todo o movimento Debian, como observado por Fabrício Solagna em fala citada anteriormente. Para estudos futuros, é interessante verificar se esta posição se assume em outras comunidades, além de buscar outros circuitos de regulação da participação dentro do software livre.

Documentos consultados

AMSTEL, Frederick van. **Das Interfaces às Interações: design participativo do Portal BrOffice.org**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, UTFPR. Curitiba, 2008.

BENKLER, Yochai. **Coase's Penguin, or Linux and The Nature of the Firm**. In. The Yale Law Journal, 2002. Disponível em <http://www.yale.edu/yalelj/112/BenklerWEB.pdf>. Acesso em: 23 Mai. 2011.

CANCLINI, Néstor Gárcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANCLINI, Néstor Gracía. **Consumidores e Cidadãos**; tradução Maurício Santana Dias. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção**. In. Comunicação, Mídia e Consumo: São Paulo. Vol. 4, n.11, p.115-135. Nov. 2007. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/115/113>. Acesso em: 21 Mai. 2011.

Free Software Foundation. **The Free Software Definition.** 2010. Disponível em <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>. Acesso em 22 mai. 2011.

HALL, Stuart. **Making sense of the walkman**. In: du GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman. Londres: Sage, 1997b. p.1-40.

HALL, Stuart. **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time**. In: THOMPSON, Kenneth (org.). Media and Cultural Regulation. Londres: Sage, 1997. p. 207-238. (Tradução brasileira: A centralidade da cultural: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, vol. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez 1997.)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. O**fício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PINHEIRO, Walter. **A luta pelo Software Livre no Brasil.** p.275-286 In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; CASSINO, João (org.). Software Livre e inclusão digital. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição**. Sulina: Porto Alegre, 2008.

ROSA, Guilherme Carvalho da. **Identidade cultural em comunidades de usuários e desenvolvedores de software livre : a caso Debin-RS** / Guilherme Carvalho da Rosa. — Porto Alegre, 2008.

STALLMAN, **Richard M. Why "Free Software" is better than "Open Source"**. 2007. Disponível em <http://www.gnu.org/philosophy/free-software-for-freedom.html>. Acesso em: 16 Mai. 2011.